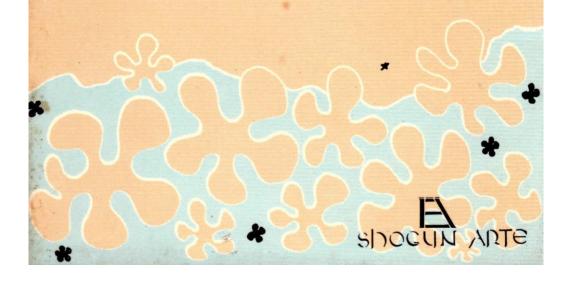
LITERATURA BRASILEIRA

Adnicio Bortolatto Agnaldo Marcelino Gomes Almir de Carvalho Filho Amara Chagas, Alves Areoaldo de Paula Arthur Francisco Baptista Aurora Pagliara Clarice Bárbara Troncarélli Conceição de Maria Farias Aranha Edmilson Alves Clemente Eliseu Oro Elza Fernandes Pereira Emanuel Lima Francisco Teotônio da Luz Neto Georgette Mendonça Geraldo Coni Caldas Geraldo Eustáguio Pereira lêda Maria Leal Villela Inácio Xavier Filho

Irecê Tavares Pereira Bezerra Jaci Moreira dos Santos João Baptista Ferreira Chaves Joel Barbosa Ribeiro Joel Bueno do Prado Jorge Sandro José Carlos Gomes José Carlos Silva Alves José Manuel da Silva Juliêta Gomes Passos Luiz Alberto Cruz Soares Maria Calíope R. Cunha Lima Maria da Conceição Aparecida (Nenenha) Neusa Alba de Andrade Sheila Cravo Therezinha de Jesús Ventura Rodrigues Terezinha Soares Matos Wagner Ferreira da Silva Wélida Regina Gomes Pereira



Copyright © 1987 by SHOGUN EDITORA E ARTE

Capa: Christina Oiticica

Coordenação Editorial: Christina Oiticica

Composição e Arte-Final: Renato e Gabriel

Os conceitos e opiniões emitidos neste livro são de responsabilidade dos autores.

Direitos reærvados desta edição por SHOGUN EDITORA E ARTE LTDA. Caixa Postal 43.021 — CEP 22052 — RJ Tel.: (021) 255-9494

Pedidos de reposição ou compra deste livro: (021) 255-9494

Se você é um autor novo e quer editar seu trabalho, fale com a gente.

IMPRESSO NO BRASIL PRINTED IN BRAZIL

JOSÉ MANUEL DA SILVA

RIO DE JANEIRO - RJ

Nasceu a 19/03/58 no Rio de Janeiro. Morador do Grajaú, formou-se em Engenharia Mecânica, mas desistiu da profissão, resolvendo então dar aulas de inglês. Escreve desde 1977 e só agora procura tornar seu trabalho conhecido.

ODE AO VENTO

O vento que leva a saudade da chuva vento bruto manso vento uma brisa cheirosa de mato invadindo com força a monotonia do sol barulho morto do dia feliz asmático dia sem carros e bois com bosta cheirando a vento de pasto clareando o sol da noite que se foi meia-noite no dia e o vento soprando o beijo da mão da rosa vermelha encontra o movimento do ar a parada de um muro branço muro da agonia de querer banhar-se sem água o camelo do deserto de vento é feita a natureza de verde o cheiro do vento ó vento verde com cheiro de mato idolatra tua chuva salgada de pureza céu azul-cor-de-rosa dos ventos e tudo envolvido numa nuvem branca que passa todo o amor do vento todo o amor do mar toda essa paixão e desejo que evapora do ar movimentada com o cheiro ardente do vento arrepiando a pele do corpo moreno com a felicidade do torpor mavioso da sede saciada dádiva de uma dívida mortal o demônio se assanha dentro fora

morre o anjo leve de uma névoa amarelada velha névoa, mágoa cinzenta altiva melancolia que traz o neutro vento iluminando pesadamente a atmosfera veloz da batida dos corações em retirada depois do amor em fuga para o descanso gostoso do amanhecer sopra o vento uma declaração de amor te amo sincero vento de amor porque só porque é a sinceridade um beijo molhado de segura eternidade e ainda a eternidade que é um momento durando toda a vida traz o vento o desejo do depois marca o vento o arroxeado da manga caída estraga o vento o castelo de areia que o anjinho ergue esperançoso pois o sonho da alma pura, sincera, singela inexistente esvai-se a toda hora com o vento da solidão bate o vento na porta enrijecida pelo amor que não pode sair de dentro de uma casa-coração põe a mesa, vento tira a mesa, ventania aconchega o vento a toalha na pele pelada das plantas voando, pássaros negros e azuis, pela madrugada do entardecer gostoso delicioso fluir de um pensamento desinteressado aterrisa o vento nos cabelos do pobre de espírito endureceu o tempo com o molhar do orvalho do vento vento que sopra ninando a criança papai saiu mamãe chegou montada no vento vento assustador que mexe com as sensações do espírito esbelto

mente o vento, desestruturou todo o edifício do sentimento chega o vento sai o vento e fica o que restou da brisa derrubado o macho destituída a fêmea confuso vento que não pára de soprar quando deve teimoso vento que ruge quando a farinha quer assentar-se estúpido vento que se recolhe quando o amor é maior vem velho vento vadiamente veloz denegriu o aviltamento dos seres inertes ah! vento que pena poluíste a pena do ganso mergulhou a saparia na folha que desliza na montaria do vento algoz eu de todos feroz vento da lembrança do que foi não sendo já que não seria porque poderia ser assim que fosse o vento assim que se fosse o desespero de saber que o vento existe mudando o atarracado existir da existência mortal venta, vento venta dentro de mim e faz com que a confusão resultante destrua o que sinto por ela.